

# Inflação e petróleo pressionam juro do crédito

**Taxa média caiu em agosto, mas BC detectou alta na segunda quinzena do mês**

**B**RASÍLIA – O custo médio do crédito para a maioria das operações destinadas às pessoas físicas e jurídicas caiu no mês de agosto em relação a julho, mas houve uma reversão de tendência em meados do mês. Segundo relatório divulgado ontem pelo Banco Central (BC), a mudança foi motivada pela alta da inflação e do preço do petróleo.

Na média do mês, todas as operações registraram queda nos seus custos em relação a julho. A exceção foi o cheque especial para pessoa física, que subiu 1,4 ponto percentual ao ano. Em compensação, quem pegou empréstimo para aquisição de bens pagou 2,4 pontos percentuais a menos.

A queda dos juros, segundo o BC, foi acentuada na primeira metade do mês. Mas, por causa da divulgação da inflação do mês de julho, mais alta, e da elevação do preço do petróleo no mercado internacional, os juros subiram no final de agosto.

Com relação ao volume de dinheiro colocado pelos bancos à disposição dos clientes para fi-

nanciamentos, o aumento é expressivo para o item aquisição de bens e, dentro dele, o volume de crédito destinado à aquisição de veículos. Os recursos totais para a aquisição de bens saíram de R\$ 10,449 bilhões em junho para R\$ 11,522 bilhões em julho, alcançando R\$ 12,726 bilhões em agosto. De um mês para o outro o crescimento foi de 10,4% e de 21,8% no bimestre.

Desse total, o volume de recursos destinado ao financiamento de veículos é majoritário. Ele estava em R\$ 8,312 bilhões em junho e passou para R\$ 10,449 bilhões em agosto, um crescimento de 25,7%. De julho para agosto o aumento foi

de 12,9%. No que diz respeito ao volume total dos recursos destinados a empréstimo, tanto para pessoas físicas quanto para pessoas jurídicas, o crescimento nominal foi bem mais discreto, de

apenas 2,3%, já que o volume de recursos passou de R\$ 127,954 bilhões em julho para R\$ 130,854 bilhões em agosto.

Segundo o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luiz Fernando Figueiredo, o crescimento do volume de recursos destinado à aquisição de bens, especialmente veículos, não pode ser considerado explosivo. "Não detectamos nenhuma explosão de demanda", ga-

O CUSTO DOS EMPRÉSTIMOS			
Juro médio das operações de crédito prefixadas em % ao ano			
Tipo	Jun	Jul	Ago
Pessoa Física	76,6	73,7	71,6
● cheque especial	162,5	147,8	149,2
● crédito pessoal	70,1	70,3	69,9
● aquisição de bens	43,8	43,9	41,5
● veículos automotores	35,7	36,0	34,9
● outros	78,6	79,6	73,7
Pessoa Jurídica	38,4	35,8	35,0
● capital de giro	34,9	33,0	32,7
● aquisição de bens	31,2	30,2	29,2
● hot money	45,4	40,9	41,5
● desconto de duplicatas	46,6	44,3	44,5
● desconto de promissórias	55,1	57,5	53,5
● Total geral	56,7	54,1	53,1

Fonte: Banco Central

rantii. Se isso acontecesse, segundo Figueiredo, a trajetória da inflação seria de alta e é justamente o contrário. A inflação já está em baixa em setembro, afirmou o diretor.

**Aumento** – Figueiredo atribuiu ao clima pessimista vivido pelo mercado financeiro em agosto, com a divulgação dos índices de inflação de julho mais altos e elevação dos preços internacionais do petróleo, a discreta elevação

dos juros no final do mês.

Pelos dados divulgados pelo BC as taxas médias de crédito atingiram 53,1% ao ano em agosto, com redução de 1 ponto percentual com relação a julho. Para as pessoas físicas a queda foi mais expressiva, de 2,1 pontos percentuais. A taxa média que, em julho, estava em 73,7% ao ano caiu para 71,6% em agosto. Para as pessoas jurídicas a queda das taxas de juros foi de apenas 0,8 pontos percentuais,

de 35,8% ao ano em julho para 35% em agosto. As empresas pagaram mais no hot money (crédito de curtíssimo prazo) e desconto de duplicatas.

Para o diretor, o fato de o mês ter terminado com queda na taxa para praticamente todas as operações de crédito demonstra que o impacto provocado pela instabilidade do mercado na economia real é pequeno. "O que vem ocorrendo com o petróleo é conjuntural, e não vai mudar essa trajetória de aumento gradativo do volume de crédito e queda das taxas de juros", disse.

**Cautela** – Apesar disso, o mercado está cauteloso. O diretor de Produtos Corporate do Banco CCF, Hitosi Hassegawa, o cenário incerto dos últimos dias pode levar os bancos a serem mais conservadores na concessão do crédito. "Se a situação continuar certamente teremos reflexos negativos nas taxas de juros e no câmbio", disse.

Segundo ele, um bom termômetro do que pensa o mercado será o leilão de títulos cambiais de sexta-feira. Na área de crédito pessoal, as condições dependem do custo de captação dos recursos. "Por enquanto não houve alteração e o mercado está líquido", disse o diretor de operações da financeira Losango, Manuel Vieira. (Vânia Cristino e Valdete Cecato)

**C**USTO DO  
CHEQUE  
ESPECIAL SUBIU  
1,4 PONTO